

GAZETA DA  
PARAHYBA

03 DE OUTUBRO  
DE 1889

# GAZETA DA PARAHYBA

## FOLHA DIARIA

REDAÇÃO E TIPOGRAPHIA

RUA DA MISERICÓRDIA N.º 9 A.

Aviso do dia.....

60 rs.  
100 rs.

Do dia anterior

PARAHYBA DO NORTE

QUINTA-FEIRA 3 DE OUTUBRO DE 1889

ASSIGNATURAS

CAPITAL.—Por tres meses.....	35000
INTERIOR E PROVÍNCIAS.—Anño.....	145000
Sem... 85000—Trim.	45000

N.º 409

NO N

A GAZETA DA PARAHYBA  
é a folha de maior circulação da Província.

nos corrente em diante não caímos assinaturas para a Capital de tres meses, medida, que será extensiva a todos os assinantes de Janeiro de 1889

### Triste situação

que é hoje entre nós um empregado público provincial?

No é demasiado insistirmos sobre tristes condições d'essa pobre gente, apesar das justas e repetidas reclamações que faz ao governo, continua a viver sem recursos alguma como por um milagre da Providência.

A face do que se pratica em eleitorais o empregado público é um cidadão; não é um servente de província e do Estado; não é de modo um homem livre.

A face da triste posição, em que se colocado hoje, perante a família, é um homem inutil e torna-se-facto pior que os mais infelizes proletários, porque estes ao menos têm a liberdade de lutar pela vida e morrerem de fome, ao passo que não sendo uma propriedade do que deve estar adstricto a sua vida, abdicar todos os seus nobres sentimentos, todos os seus impulsos de amizade, e pôr-se humildemente a disposição do poder, que os obriga a trabalhar sem lhes pagar o mesmo ordenado com que se mantém a sua família, já não diremos, mas ao menos nas circunstâncias de qualquer operário, que o salário que lhe é devido por trabalho.

Além 4 meses de trabalho sem recompensa, e o que mais admira-nos é que ellos ainda vivem, e suas famílias não foram ainda receber na porta do convento do Carmo a renda de um kilo de carne e um litro de leite! E domo!... nemhuma providencia nenhuma esperança, nemhuma condescendência exige-se d'ella que se assim não sejam os carnes da carne, como sólido abaste os lagrimas e lágrimas de condescendência.

E d'aquele, que não se submettem a tantas humilhações e abusos, o empregado provincial pende despidido como se não tivesse tempo nem margem a manter-se pelas suas necessidades, pelo conforto da sua mulher, pelo bem e mal da família, nem

mo em linha de conta os seus talentos e virtudes!

Isto pouco importa...

Estamos certos que o administrador da província, preocupado como anda com a política, com a resistência que deve opôr ao assalto dos tributários aos cofres dos socorros públicos, não pensou ainda maduramente sobre as misérias da pobreza envergonhada, que se debate sob os

pectos d'essas casas de regular apparença, mas que occultam aos outros do governo as srenas tristes e desoladoras que dentro d'ellas se representam.

Quando a Constituição política do imperio estabeleceu como regra que todos os cidadãos podem ser admitidos aos cargos públicos sem outra diferença mais que os seus talentos e virtudes, não cogitou dos penosos sacrifícios á que se submettem aquelles cidadãos, que se nobilitam por seus talentos e virtudes para tales cargos públicos.

Confidados em tão salutar disposição constitucional mal sabiam elles que, abandonando outras profissões, em que podiam aplicar toda a sua actividade para preferir os cargos públicos, chegariam ao estado a que se acham reduzidos hoje, sofrendo as maiores privações e necessidades, e sem nenhuma garantia dos meios de sua subsistência e do bem estar de sua mulher e de seus filhos.

Mas o governo não deve ser indiferente á esse estado de abandono e miseria, em que se acham os empregados públicos provínciais, pois deve lembrar-se que se para a nomeação de funcionario exige-se requisitos especiais, como a capacidade e a moralidade individual e para o exercício do cargo exige-se o cumprimento fiel dos seus deveres, também em caso nenhum se lhes deve faltar com os recursos que lhes são devidos, para que jamais possam ellos chegar ao desespero e desmentir a dedicação, o respeito, a moralidade do serventuário probó e honesto e cumpridor do seu deveres, como quer a própria Constituição.

Na hypothese verídica e indiferença de S. Exc. o Dr. Gama Rosa não pode deixar de ter um paralelo, pois o racineiro nos lava a recordar que o governo não pode esquecer o direito e a justica, que devem ser reguladas un talus de seus actos de moralidade, cuja subversão é que legitima a negligença do poder.

Não basta o desacredito que tem perante si a sua conciencia, lhe obstruindo a realização d'algum trabalho, com mais razão o melhor diretor não o considera.

Agreditando ao nosso colégio a sua confiança e nossa local, lhe obstruindo a realização d'algum trabalho, com tanto, o qual não pode ser contestado a nenhuma das partes participantes

se assim o verdadeiro carácter da instituição?

Não basta a pécha de servis que se lhes atira em face, quando votam com o governo para não perderem o pão?

Não basta o poder descrecionário que tem o governo de riscar do quadro das repartições os nomes modestos de cidadãos pobres para substitui-los por atilhos incapazes.

Para que aviltam ainda mais sem a compensação ao menos de pagar-lhes o jornal, que lhes é devido, para sua própria manutenção?

Isto não é só uma crueldade do governo, é um proceder sem nome.

Deprimidos os pobres empregados provínciais em seu carácter público, arruinados na sua reputação social, e perdidos os seus limitados créditos particulares no açoitue, nas lojas e nas vendas, o que resta então ao funcionário, cujos membros tiveram a desgraça de deixar a fábrica, o comércio, as artes, a industria e a farda de soldado, para, confiados no seu ilibado procedimento, servir ao Estado ou à Província com honra, paixão e lealdade?

Ainda é tempo, pois, Sr. Dr. Gama Rosa, de meditar sobre a sorte dos empregados e provínciais por todos os meios, que tiver ao seu alcance, sobre o pagamento de seus ordenados vencidos, além de que não desejarem e comettam desatinos.

Lembre-se S. Exc. que as victimas, que morrem de fome, não só somente os retirantes, e que todos olham para V. Exc. acercado de poderes e recursos que lhe facilita o Estado como quem olha para a salvação!... Não consinta, pois, que os pobres empregados públicos estejam a olhar constantemente para as aguas prateadas da torrente e morram à sede junto do proprio rio, em que outros nadam ou se afogam.

### Em tempo

Referindo-se a dois tópicos que transcrevemos de cartas particulares que nos foram dirigidas do Recife sobre as eleições do 4º e do 5º distrito desta província, disse o nosso collega do Jornal da Parahyba em sua edição de ante-hontem, depois de transcrever os citados tópicos:

“O Liberal Parahybano, cantora de sua autenticidade d'apelo bruto, com mais razão o melhor diretor não o considera.”

Agreditando ao nosso colégio a sua confiança e nossa local, lhe obstruindo a realização d'algum trabalho, com tanto, o qual não pode ser contestado a nenhuma das partes participantes

nos foram dirigidas. E o Liberal Parahybano nem outro qualquer collega podia fazê-lo, porque ainda, mercê de Deus, não demos o direito a quem quer que seja de duvidar de nenhuma nossa afirmação, e na hypothese se apenas de transcrição d'trechos de cartas particulares, que nós perfilhamos, e cuja authenticidade não pode absolutamente ser contestada.

Comprehendendo que, se o Liberal Parahybano tivesse feito tal, nós não podíamos nem devíamos ficar silenciosos.

Ainda traz vez, pois, laborou em erro o Jornal da Parahyba, talvez pelo habito em que está de ver contestadas as suas notícias, mesmo aquellas que tratam de assumptos graves, como foi o da morte do Sr. Dr. Paula Primo, que levou a consternação ao seio de uma família.

E ainda ali tratava-se de notícias extrahidas de cartas particulares; e se ao nosso collega não foi contestada a authenticidade dessas cartas, a triste nota que elas falsamente transmitiam foi solemnemente desmentida, apesar da insistência de nesse collega.

### Eduardo Marcos de Araujo

Paz haja um anno qu' a Gazeeta da Parahyba, cabendo-a de lueto pranteava com a população desta cidade o prematuro falecimento de Eduardo Marcos de Araujo.

São passados 305 dias depois d'esse triste acontecimento, que roubo-nos um companheiro dedicado e no nosso meio social um cavalheiro distinto, recomendável pelos bellos dotes quo o distinguiam, e no entanto é bem-viva ainda em nossa memória a lembrança d'esse moço quo tão cedo desapareceu no seio insaudável da morte.

Commemorando tão infusto aniversario depositamos um punhado de vivas saudades no tumulo do Eduardo Marcos de Araujo.

Sabido hontem do porto da Fortaleza com destino aos do sul, o vapor brasileiro «Monteiro», que deverá amanhã tocar em nosso porto.

Vallou hontem neste ofício a Rm.º Mr. D. Ruyto Pinto, esposo do Dr. Mariano Rodrigues Pinto, chefe da unica da secretaria do governo.

O anterior topo jogou hoje na barra da turca, subindo o farol da Ponta Grossa de Monteiro.

Ao Dr. Mariano Pinto congratulamo-nos pelo fato d'or que o nomeou.

Novo topo hontem no nosso porto o vapor Ingles «Noblegar» propriedade da Companhia Paulista por Veneza.

Fiquei scismatico e pesaroso, leitores, depois que li a notícia de ter sido tambem eleito pela remota província de Matto Grosso o exímio publicista C. de Laet, que tambem foi sufragado pela nossa quarta circunscrição eleitoral. E levei toda noite a pensar nas consequencias dessa dupla eleição, exactamente como o Dr. Justa leva a scismar sobre o futuro politico do meu amigo Dr. Eugenio.

Putge-me principalmente a dúvida em que este o meu espírito sobre a opção do candidato bissecregato; qual prefigura elle, Sr. João ou Corumbá? A Parahyba ou Matto Grosso?

Em qualquer das hypotheses é difficilima a posição do candidato, que tem de malquistar-se fatalmente com uma das províncias, ambas tão pressurosas em significar o emerito homen de letras a sua admiração, envolvida no mais espontaneo e desinteressado pronunciamento eleitoral!

Se a sorte nos for adversa; se ainda d'esta vez a fatalidade que perseguem a Parahyba em todos os seus movimentos socioeconomicos se manifestar, sob a forma da classificação de burro, que a superpotencia popular acredita enterrada no Zuidhy; se formos mais uma vez caiadores e o distinto Sr. Carlos de Laet, furtando-se aos doveres de uma gratidão irrecusavel aos povos de Pombal e S. João, atrair a redade de suas sympathias, em repetidas lances de solidariedade politica, para as longínquas plagas de Matto Grosso, onde por enredo do infelizidade nossa, vai brevemente ter lugar uma eleição senatorial, hoso, meus afectuosos leitores, para lamentarmos em commun a nostra desdita, que nos priva assim de um representante assediado.

E justamente a hypothese do possivel abandono por parte do bandido e Ingrato Sr. Laet que me tem feito meditabundo e scismatico; mas o que me panga deveras é me afflige muito seriamente a verificada a preferencia pela eleição de Matto Grosso, a dificuldade da substituição; porque, à parte as justas ou injustas susceptibilidades do matrismo provincial, que devemos respeitar, o escolhido pelos eleitores do nosso quarto distrito, si bem que o seu nome seja um pouco menos ruinoso a aquellas paragens do que os dos Srs. Honorio e Elias, tem entretantos outros que os dos cidadãos cavalheiros, como por exemplo: uma verve asturada da mais atílica e fina causticidade literaria; um belo estylo, emoldurado em una syntaxe grammaticalmente pura, muito mais refinada do que a syntaxe de Patos ou Santa Luzia; uma logica bem educada e directamente emanada de solida instruccion mathematica, apurada em um diploma passado pela nossa antiga Escola Central; e por ultimo um fino talento artistico acentuado a cultura assidua das boas letras em um dos mais illustres e reputados professores da nossa unica facultade de belas lettras—o Collégio do Padre II, onde Carlos de Laet é um dos maiores apóstolos didáticos, que não são as menas notáveis do seu variado e fortíssimo talento.

E a infinitissima, moça letitra, como se fura!... No quale hora virá o substituto, quem sera elle?... Nada por agora nenhuma prática humana, d'aquele dia que virá, é capaz de supor, de adivinhar que é. Mas, a julgar pelo que se tem visto, é de grande probabilidade que seja o Dr. Mariano Pinto, que é um dos mais illustres e reputados professores da nossa unica facultade de belas lettras—o Collégio do Padre II, onde Carlos de Laet é um dos maiores apóstolos didáticos, que não são as menas notáveis do seu variado e fortíssimo talento.

E a infinitissima, moça letitra, como se fura!... No quale hora virá o substituto, quem sera elle?...

Nada por agora nenhuma prática humana, d'aquele dia que virá, é capaz de supor, de adivinhar que é. Mas, a julgar pelo que se tem visto, é de grande probabilidade que seja o Dr. Mariano Pinto, que é um dos mais illustres e reputados professores da nossa unica facultade de belas lettras—o Collégio do Padre II, onde Carlos de Laet é um dos maiores apóstolos didáticos, que não são as menas notáveis do seu variado e fortíssimo talento.



